

Antigos combatentes produzem no Umbelúzi

17/6/87

... e fazem da fundação da Frente

Antigos guerrilheiros da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), que se encontram a trabalhar e a residir em Boane, revelaram ao nosso Jornal que pretendem intensificar a actividade produtiva para combater a fome, sem contudo descuidarem as tarefas da defesa da Pátria, que eles próprios arrancaram das mãos dos colonialistas. As revelações foram feitas à nossa Reportagem quando recentemente se deslocou ao Centro dos Antigos Combatentes, no quadro das celebrações do 25 de Junho, que este ano assinalará a passagem dos 25 anos da fundação da FRELIMO e 12 da independência nacional.

O Centro para os antigos combatentes no distrito de Boane, com uma área de cerca de 47 quilómetros quadrados, foi criado em Maio de 1976 de-

resultados satisfatórios, não obstante a falta de chuvas e de tubos para a rega dos pomares facto que faz com que a toranja produzida seja de baixa qualidade.

Contudo, de acordo com o nosso interlocutor, foram colhidas até ao momento mais de 1612 toneladas de citrinos para a exportação devendo a quantidade ainda aumentar pois, segundo afirmou, a campanha de colheita para o presente ano ainda não terminou.

Em relação à produção de cereais, se não fosse o problema dos tubos de rega que estão furados, ela seria maior. Este ano prevemos colher apenas uma tonelada, portanto, menos meia tonelada em relação à campanha do ano passado — disse Armando Tchamo.

Para além da produção de citrinos, hortícolas e cereais, os antigos combatentes exploram também um restaurante e snack-bar, uma loja, um talho e uma padaria, que pertenciam a um agricultor privado que abandonou o País após a independência nacional.

ANTIGOS COMBATENTES FALAM DA FUNDAÇÃO DA FRENTE

Entretanto, em contacto com a nossa Reportagem, os antigos combatentes relataram alguns episódios da fundação da FRELIMO, do início e desenvolvimento da luta armada que há 12 anos culminou com a proclamação da independência nacional.

José Tomás Maquidade, 37 anos, disse que «para se falar da história da FRELIMO seriam necessários muitos dias, tendo optado por narrar alguns episódios que considero importantes».

José Maquidade que se juntou à FRELIMO em 1967, combateu em várias frentes da província de Cabo Delgado, o conta que nos princípios do ano de 1962 o Dr. Eduardo Mondlane enviava a partir do exterior, grupos de moçambicanos para no interior de Moçambique desenvolverem um trabalho de organização e mobilização do povo sobre a necessidade de se iniciar a luta armada de libertação nacional.

Esse grupo não devia ser reconhe-

cido pelo inimigo e, para o confundir, usava calçado com dois saltos. Isto não permitia ao inimigo saber donde é que esse grupo entrou e para onde se dirigiu — disse José Maquidade.

Ele acrescentou que com o passar do tempo, alguns desses grupos de moçambicanos foram sendo eliminados pelos agentes da PIDE quando desenvolviam o seu trabalho de mobilização e distribuição de cartões de membros nas residências.

Quando as populações notaram que esses quadros eram presos começaram a ficar preocupadas, ao mesmo tempo que perguntavam sobre a data do início da luta armada — conta José Maquidade.

Ele explicou que foi a partir dessa altura que muitas pessoas abandonaram as suas residências refugiando-se no mato. Tratava-se da preparação do

para ludibriar o inimigo ao mesmo tempo que se intensificou o trabalho da vigilância popular para evitar a infiltração inimiga no seio da população que havia se juntado para lutar contra o colonialismo.

Para lutar contra a FRELIMO, o colonialismo organizou nessa altura um grupo de 500 homens para infiltrar: no seio das populações — disse o nosso interlocutor que explicou que esses homens, para ludibriar a vigilância popular faziam-se passar por mudos mas o povo detectou logo essas táticas ao mesmo tempo que tratou de eliminar os infiltrados.

Uma vez eliminado o grupo e o colonialismo vendo-se sem possibilidades para obter informações sobre a FRELIMO, tentou corromper alguns dirigentes do movimento, sobretudo comandantes e alguns elementos que durante a luta armada pretendiam substituir os colonialistas.

A partir dessa altura, o trabalho da Frente começou a fracassar. Quando se planeava o ataque a um quartel do inimigo este, no dia marcado, estava em estado de alerta e assim fracassavam as nossas operações.

Dada esta crise que assolou o movimento nos anos de 68/69, segundo frisou o nosso interlocutor, iniciou-se um trabalho de filtragem no seio dos elementos da organização durante as sessões do Comité Central e no 2.º Congresso após o que começaram a registar-se sucessos no campo da batalha.

Depois desse trabalho, começámos de novo a registar sucessos na frente de combate. Num mês, os guerrilheiros conseguiram atacar e assaltar 15 postos do inimigo, pois este já não obtinha informações sobre os nossos planos — disse a terminar José Maquidade.

Presentemente, ele, a sua mulher e os seus seis filhos, o mais velho dos quais com 11 anos, vivem no Centro dos Antigos Combatentes no distrito de Boane.



José Tomás Maquidade

pols de contactos feitos entre os Ministérios da Defesa Nacional e da Agricultura com vista a proporcionar aos veteranos da guerra de libertação nacional a realização de actividades produtivas, segundo apurou a nossa Reportagem junto de Armando Tchamo, responsável do referido centro.

Presentemente, vivem no Centro dos Antigos Combatentes do Umbelúzi, 124 veteranos da luta armada com as respectivas famílias que trabalham na produção de citrinos para a exportação e para o abastecimento do mercado nacional para além de hortícolas e cereais para autoconsumo e abastecimento das unidades militares da zona.

Segundo explicou Armando Tchamo a produção de citrinos tem conhecido



Armando Tchamo

início da luta armada de libertação nacional.

Já no mato e depois do desencadeamento da luta armada de libertação nacional, utilizaram-se várias táticas